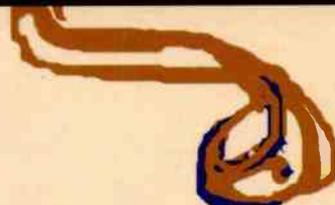
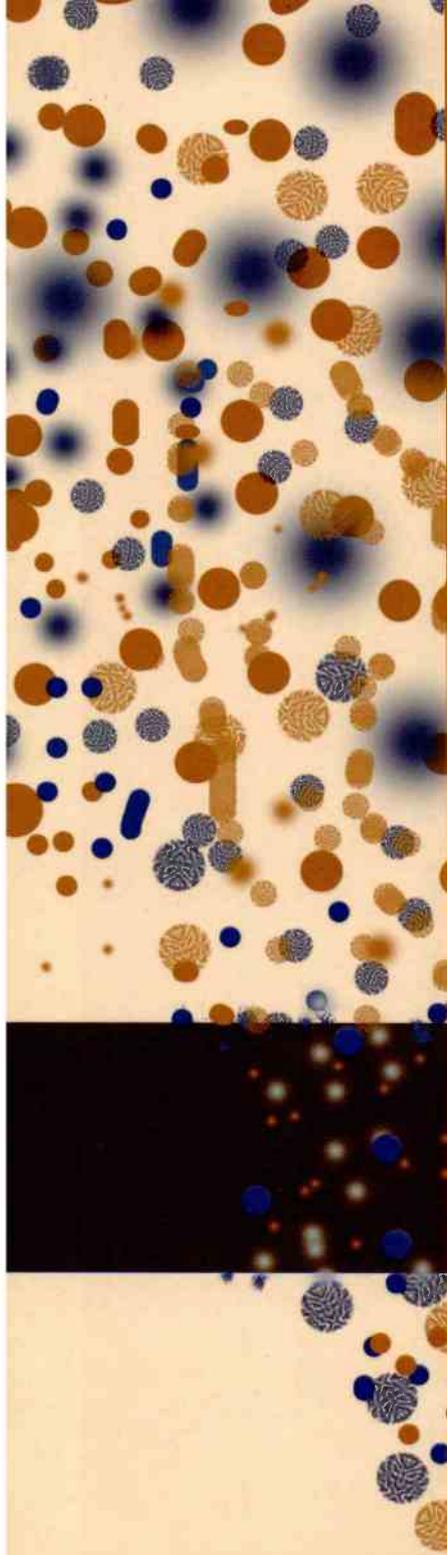




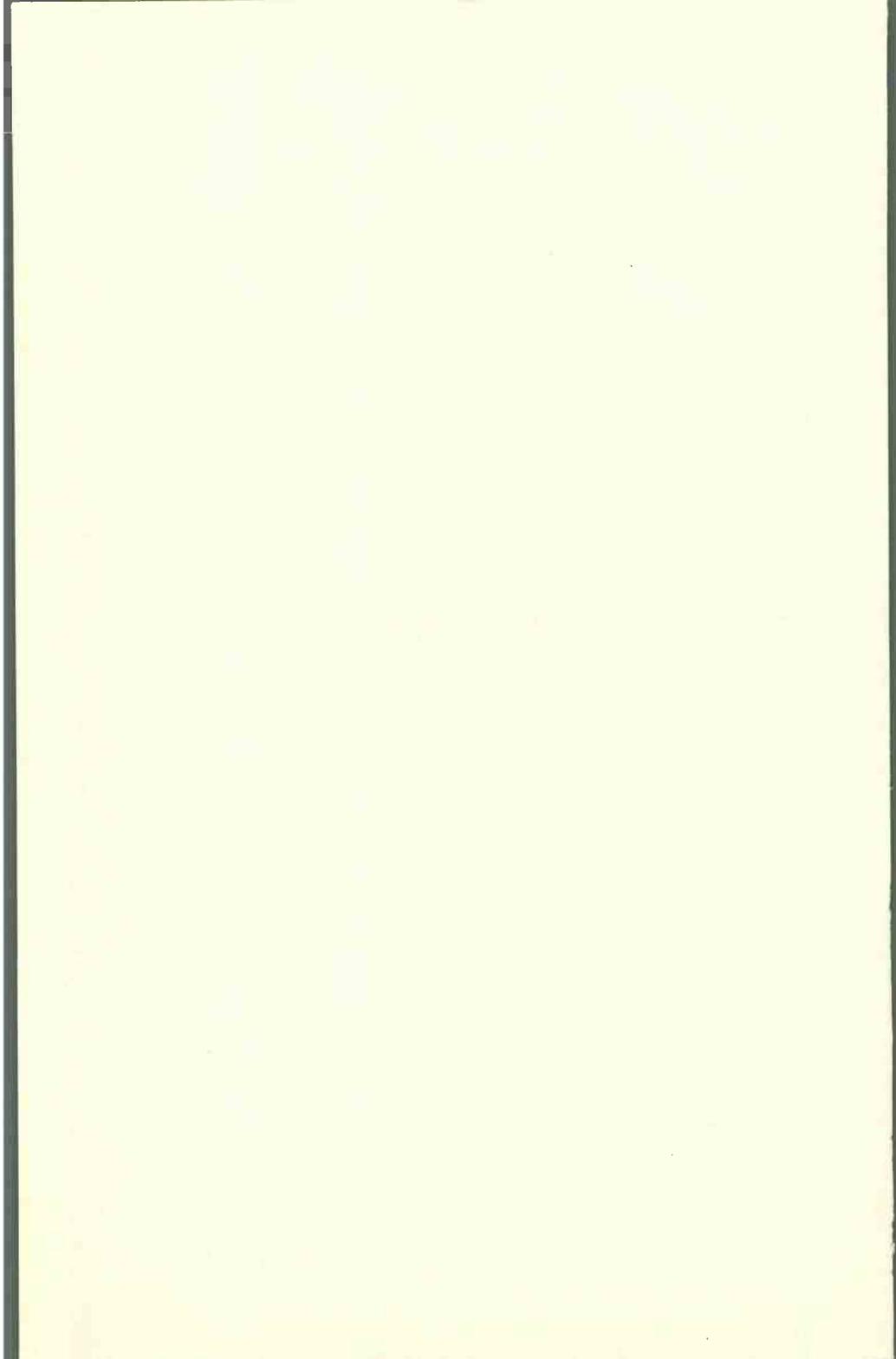
LEÃO LÍRICO

elaine pauvolid





Leão lírico



ELAINE PAUVOLID

Leão lírico

edição da autora
Rio de Janeiro, 2008

© 2008 by *Elaine Pauvolid*
Todos os direitos reservados a Elaine Pauvolid
Caixa Postal 16065 CEP:22221-971
www.elainepauvolid.net

Capa e projeto gráfico: *Elaine Pauvolid*

Revisão: *Grifo Nosso*

Editoração eletrônica: *Elaine Pauvolid*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P361L

Pauvolid, Elaine, 1970-

Leão lírico / Elaine Pauvolid. - Rio de Janeiro : E. Pauvolid, 2008.

144p. :

ISBN 978-85-908034-0-9

1. Poesia brasileira. I. Título.

08-0784. CDD: 869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

03.03.08 03.03.08 005534

Sumário

Primeira Parte	
Leão lírico	11
Dia-a-dia	12
Verônica.....	13
Ao que lê.....	14
Descarte.....	15
Dos mortos.....	16
Barbárie.....	17
O feitiço do amor ao outro.....	18
O Farol.....	19
Ainda que dele se digam mil delícias.....	20
O lobo.....	22
O mundo já acabou.....	23
Póstumo.....	24
Palavra.....	25
O conto da flor.....	26
Queda d'água de Esher.....	27
Similitude.....	28
Erótica.....	29
A voz da morte.....	30
Leão lírico II.....	31
Alexandre.....	32
Força de Deus.....	33
À hora.....	34
Praia de nudismo.....	35
Trem bala.....	36
Meu cio.....	37
Apartamento no Catete em dia de guerra e chuva.....	38
Se te povoa a alvura.....	39
Arquétipos.....	40
O nome é angústia.....	41
Boquiaberta.....	42
Exorcismo.....	43
O silêncio.....	44
Dor mundo.....	45
Criança de setenta.....	46
Gozo.....	47
Natureza morta.....	48

Sem título I.....	49
Sem título II.....	50
Datado.....	51
Sem título III.....	52
Espadas.....	53
Letra E.....	54
Por misericórdia.....	55
O raio das horas.....	57
Carta.....	59
Sem título IV.....	60

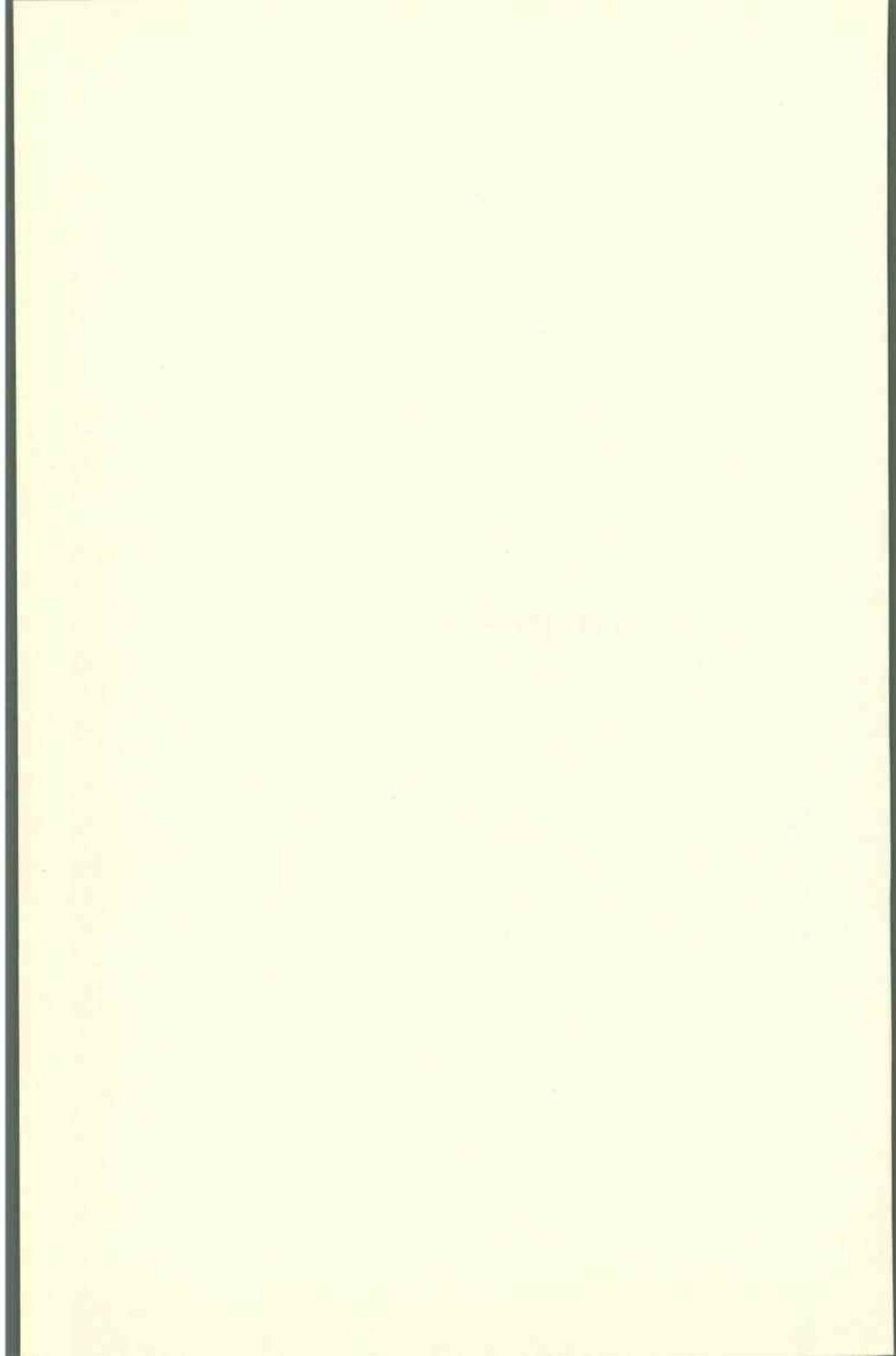
Segunda Parte

Diálogo à beira de um riacho.....	63
Estrelas.....	64
Infância compartilhada.....	65
Ecos.....	66
A febre.....	67
Pai, socorra-me.....	68
Sem título V.....	69
Sem título VI.....	70
Quê.....	71
Só dói viver.....	72
Caminhos.....	73
Sem título VII.....	74
Senhor dos passos.....	75
Sem título VIII.....	76
Sem título IX.....	77
Sem título X.....	78
Sem título XI.....	79
Sem título XII.....	80
Sem título XIII.....	81
Sem título XIV.....	82
Sobras.....	83
Sem título XV.....	84
Sem título XVI.....	85
Sem título XVII.....	86
Alma.....	87
Sem título XVIII.....	88
Sem título XIX.....	89
Sem título XX.....	90

Pequenas mortes.....	91
Sem título XXI.....	92
Sem título XXII.....	93
Sem título XXIII.....	94
Sem título XXIV.....	95
Sem título XXV.....	96
Sem título XXVI.....	97
Sou ali.....	98
Sem título XXVII.....	99
Sem título XXVIII.....	100
Sem título XXIX.....	101
Sem título XXX.....	102
Sem título XXXI.....	103
Sem título XXXII.....	104
Sem título XXXIII.....	105
Aula de pintura.....	106
Homens bons.....	107
Estamos aqui.....	108
Sem título XXXIV.....	109
Quem quer saber.....	110
Banco dianteiro.....	111
Que dor não foi necessária quando passa ?.....	112
Capacho.....	113
Vivendo o que escrevo.....	114
Morrer.....	115
Parando para pensar.....	116
Sem título XXXV.....	117
Salvadora rebelde.....	118
Concordando com Descartes.....	119
Porque faço poemas.....	120
Qual dor não foi necessária quando passa ?.....	121
Horas que não passam.....	122
Aquieta.....	124
Sem título XXXVI.....	125
Sem título XXXVII.....	126
Sem título XXXVIII.....	127
Destino.....	128
Jóias de família.....	129

Sem título XXXIX.....	130
Sem título XL.....	131
Sem título XLI.....	132
Sem título XLII.....	133
Do amor.....	134
Sem título XLIII.....	135
Sem título XLIV.....	136
Sem título XLV.....	137
Sem título XLVI.....	138
Silêncio.....	139
Sem título XLVII.....	140
Medo da vida.....	141
Da feliz espera.....	142
Um não-sei-o-quê.....	143

Primeira parte



LEÃO LÍRICO

De uma porta sairá o leão—
passado e presente unir-se-ão.

Quem for nascido sob este signo
trará o cetro à mão.

Este livro não será lido nem escrito,
será intuído pela graça do leão lírico.

Todos os homens são da mesma cepa
e, na terra, unir-se-ão
todos que trouxerem a marca do leão.

Mares e estrelas transmudar-se-ão,
Forma e leveza não mais terão —
este é o livro que o leão trará à mão.

Este livro não será lido nem escrito,
será intuído pela graça do leão lírico.

Povos em fome jamais se unirão
enquanto não reconhecerem o lírico
leão
que virá — não mais para remissão.

DIA-A-DIA

Dobrado sonho, com cuidado
ponho sob o travesseiro.
Lavado rosto, tomado
gole, trocada roupa,
posta na cintura a chave,
caminhado chão, chegada
hora, trabalhado
dia, retorno à casa.
Tomada a sopa,
beijados os cães,
lidas palavras,
escovados dentes,
estourada imagem,
fechados olhos,
desdobro o sonho
de existir, suponho.

VERÔNICA

Lavada em vertigem,
na varanda, da fuligem,
não de altura pouca,
perto da fé repousa.

No hábito, olhos além da porta,
a verônica acena,
levando a alma trêmula
a agradecer a Ele
a besta a tombar na areia,
ao som dos motores em Guadalquivir,
marulhada dos leques em Granada,
dor da Virgem, touro morto.
Ave, Sevilha,
peço-lhe em prece aflita
que essas águas
dos meus erros me lavem.

AO QUE LÊ

Não sei que argumento presencio
nem o que tange só a margem.
Sei que em nada insisto
senão em severo alarde.

É que grito pela vida
que me toca e arde.
E se tiveres um tempo,
convide-me quando jantares.
Estarei contigo, presença infinita.

Confio no teu elo,
na tua esfera,
no teu conflito.

DESCARTE

Não conto comigo mesma,
conto como vou comigo.
Às vezes, fria; noutras, amiga.

Se não assim, faço por mim
o que por ninguém faria.
Faço por mim o desacreditar perene,
tudo em descuidado tranqüilo.

Sei que existo de certa forma,
no entanto, cogito
que a quimera de infinito
não terá fim enquanto restar
um fio de dúvida em mim.

DOS MORTOS

Certos enterros são concertos:
o morto vai distante,
em forma intangível em nós se
encerra.

No concreto que o coveiro
sobre a morte acerta,
vamo-nos um pouco
em nossas pétalas.

BARBÁRIE

Barbárie é sentar à mesa
sem sentir mal-estar.

O FEITIÇO DO AMOR AO OUTRO

Vira lá o vagabundo
a fêmea bem tratada.
Não viesse
à cabeça do cão
do mendigo a mão áspera,
não teria dado ao outro
o que receber não esperava.

O FAROL

Para um outro

Essa chama que me arde agora
não a conheci outrora
e me toma e lança feito corda
abraçada ao nada.
Tira-me do seio desta estrada,
faz sem tocar,
entrega-me ao silêncio;
e, cega, seu nome chamo
o que me causa maior dano.
A sua mão no meu rosto
não cessa a ardência no peito,
a vontade de chorar, a perda sem ter,
nem este farol, em que me torno
rodando no mesmo eixo, cega e cheia
da luz,
que só a mim não guia.
Ao contrário, desvaria
no romper do que sinto agora.

**AINDA QUE DELE SE DIGAM MIL
DELÍCIAS...**

A quem veio depois

Há carta de se guardar a sete chaves
por proteção ao segredo mais caro.
Guardo-a, que não a lerei
senão quando não mais escreva.

Neste dia de não ver,
a ela recorrerei e verei
o que não vivi ainda.

Para este momento, sua nova vinda.
Porque vivo a esperar e perder
alguém;
porque vivo esperando nascer ao céu,
encontrar a paz de não sofrer
com os que foram ou pelos que se vão
a toda hora, em cada gesto, em cada
história...

Neste dia, feliz finalmente!
Neste dia, sem temor!
Neste dia, a missão será cumprida.
Muito... a de ter a dor.

Teu rosto novo com ternura,
acompanharei para sempre,
ainda que outro.
Enquanto não,

carrego o medo da chaga deste dia
ainda que se digam dele mil delícias.

O LOBO

Quando o lobo se escondeu
por trás da fornalha,
cinzento se mostrava em neve fria.
O pêlo contornava os olhos fitos,
e em mim jorrava
uma culpa incontrolável.

À antecipação de ser devorada,
rápido, sem ser vista,
ansiei por estar noutra vida.
E o lobo olha-me
reto, nenhum pêlo move,
até que já não deixa de mostrar-me os
dentes.

Caído sobre mim agora,
as presas estraçalham-me o rosto,
meus membros são seu osso.
E, num último hálito, inspiro
o ar quente e tranqüilizante do seu
focinho.

O MUNDO JÁ ACABOU

O mundo já acabou.

Você não vê?

Somos os sobreviventes.

Olhe como tudo vai alheio aos nossos
olhos!

PÓSTUMO

Mal posso com minhas pernas
e vou com elas.

Os amigos estão em menor número que os que
perdi.

E se versos ainda faço
é porque nunca morri.

PALAVRA

Para lavrar a terra, meu senhor,
é preciso ter palavra.
Para ter amor, meu senhor,
é preciosa a palavra.
Para ter quimera, meu senhor,
é só dizer: palavra.
Ela vira um mundo, uma vaga,
o que quiser que ela traga.
Mas o dinheiro, senhor,
este nunca paga
a chama que é palavra.

O CONTO DA FLOR

Enquanto rego minha flor, juro
nunca mais a abandonar!
Mais difícil fazer por ela
que a flor me regar...
Movo a beleza
que não sei jurar
a um poema novo,
para que, com meu canto,
eu me possa salvar.

QUEDA D'ÁGUA DE ESHER

Que escada é essa
Que se configura como queda?

SIMILITUDE

O cão procura o dono
como o dono, a chave.

ERÓTICA

Para quem chegava

Não preciso ser bonita e gostosa.
Mas ser enquanto sou não atrapalha.
Meu anjo, não quero tumulto.
Quero, antes do tiro, enquanto miro,
ver quem veio em alvo novo
muito a salvo.

Segure minhas ancas não tão largas,
meus seios apontados,
este meio a ti levado...

Ah, meu querido,
Presente que meu presente
é também vê-lo saciado?

Verta inteiro, nunca metade,
este teu leite em flor,
que, muito antes de ter brotado,
em minha pele há muito arde.

A VOZ DA MORTE

A voz da morte aguarda,
e os seus a guardam
entre as paredes dum aquário.

Todos vivos, muito vivos
deixam ver borbulhas pelos vidros.
O cão jazido num quadrado
é o único a guardar o seu espaço.
Ele ao meio, pelos donos ladeado,
estes mais presos do que no quadro.

No olhar do menininho novo,
o sorriso vivo; uma centelha
que a voz da morte corta em gesto,
a celebração de mais um berro.

– Viva, a voz da morte!
A taça ergueram
em saúde à matriarca.
As vozes não tão dispostas
que a carregam em cansadas costas,
felicitam-se e se revelam hipócritas.

Ela se foi, eles ficaram!
É riso seco dos que restaram.

LEÃO LÍRICO II

Homenagem a Cássia Eller

Se foi a Cássia de som grávida.
Volta não em ídolo, nem fantasma.
Voz ríspida,
leão lírico pela casa.

ALEXANDRE

1964-2001

Alexandre por nome coroadado,
por março carregado.
Deitou-me à vida
um tempo estirado.

FORÇA DE DEUS

Nenhum mal entrará em minha casa.
Se entrar, terá o dorso lanhado
pelo fio de minha espada.
Por muita luta por mim perpetrada,
por ele engendrada,
não sem medo rodeada,
em Deus confio,
não tenho nada.
Quando tudo se tiver dado,
a calma se restabelecerá.
Porque terei ainda ao meu lado
a fé a que confio minha casa,
e só dormirei quando estiver deitada.

À HORA

Turva dor do mundo,
pior que antes, melhor agora.
Em quais futuros
testemunharemos juntos estas horas?
Não mais que antes,
a dor de tudo ao rés do profundo.
Mais que antes, melhor agora.
Turva dor do mundo,
encharca meus olhos fluidos
e precipita-me à funesta hora.

PRAIA DE NUDISMO

Não é a roupa
que me faz indecente.
Eu é que sou indecente.

TREM BALA

Governo a mim mesma
como quem governa
um trem bala,
e o trilho não sei seguro.
É meu
sem pretensão de rumo.

MEU CIO

Meu cio solene
vem no resto do estio

Meu cio é quente, é rápido
Meu cio cicia

Meu cio mata-me

**APARTAMENTO NO CATETE EM DIA DE
GUERRA E CHUVA**

Mandaram fechar a rua.
Lá de fora, ouço os berros.
Enquanto verto versos,
casas e crianças
olham-me e escapam
à gangorra macabra,
que do outro lado as crava,
as sustem respingadas
da lama e do céu que nos une
pelo modo com que deságua.

SE TE POVOA A ALVURA

Se te povoa a alvura,
não conheces a bruma escura.
Vai, com ela dorme em chão de raízes.
Este é o sonho, a lucidez...
Vai, amigo, dorme tranqüilo.
Espera da alvura que te arde
a missão reta de levar-te.

ARQUÉTIPOS

Vi um homem ao cume duma escada
e outros dois no mesmo estado.

Ao centro, diferentes brinquedos,
distribuídos por pessoas
que antes de mim pareciam ter
chegado.

Tais as primeiras criaturas,
outras duas circulavam.
Mestres ou capatazes,
física e lógica explicavam.

Enquanto a cena admirava,
quatro mãos me tiveram ajoelhada;
ao espelho fui mostrada.
Por cada olho admirava
e por mim mesma era
olhada.

Após a experiência nova,
puseram-me levantada.

E ser vista e ver pelo mesmo ser
é o único estado permanente
até agora.

O NOME É ANGÚSTIA

Nenhum poema, nem nada
aquieta-me a alma.
Sentimento não raro, não claro,
muito plúmbeo, ora devasta-me.

Poderia da angústia o nome
reduzir cela tão árdua, tão funda,
em último gesto de quem me devora?

BOQUIABERTA

Estou boquiaberta.

A vida não me quer mais quieta.

Quer que eu grite o que me emagrece,
endurece e me alegre!

A vida quer que avise
que ela está por onde quer
e se repete.

EXORCISMO

Escarrarei até o último hálito
o halo fétido que inalo

O SILÊNCIO

O silêncio é gelo, pedra branca,
parede cinza, companheiro.
A guimba num cinzeiro
não é mais que um quarto vazio,
uma voz que não é palavra.
É sincero desamparo, a vida
conhecida sem mistério ou alarde.

DOR MUNDO

O mundo a mim
é triste e confuso,
quase dor de mundo.

CRIANÇA DE SETENTA

Quando me fiz poeta,
não soaram os sinos,
a cidade restou quieta.
Só uma porta foi aberta;
e sem alarde, mui singela,
tornei-me de mim esteta.
Achei-me de novo
em idade tenra,
olhando os canteiros,
à noite muito atenta.
Segue em frente, agora,
criança de 70!

GOZO

A dor do gozo um fio tênue separa;
com amor e gozo minha alma brada
não pela dor, que é tão calma,
nem pelo terror que a lava fétida
ao redor me causa.

É amor ao resto,
vontade de comunhão.
É da exaltação de Deus
que minha alma fala.

NATUREZA MORTA

O cálice à minha frente
embebeda meu pensamento.

Entre Sol e Lua,
choramos mortes,
choramos vida.
Entre dois pólos,
somos ainda.

Irmãzinha, não chore –
o pior há de vir ainda.

DATADO

Quem me dera ter
nascido agora
sem medos, segredos, nem degredos
só salinas, mar, rochedos
e renasço, transformo-me.
Mas e o buraco
na camada de ozônio
Para tapar, como faço?

Quantas esquinas não dobrei,
quantas nuvens já contei
e quantos restos
ainda não deixei...?

ESPADAS

Meus livros são espadas exangues
imaculadas enquanto não lidos.
As espadas querem abrir-te.
Habitue-se, amigo.
Habite-me.

LETRA E

Eu no meio do mundo,
e a vida no meio de tudo.

Eu escrevendo,
eu morrendo,
eu mexendo.

Fazendo no meio
a vida em tudo.

Estou correta,
estou deserta,
estou cheia,
estou média,
estou com medo.

Estou sem veio,
estou seca,
estou dizendo,
no meio do mundo,
a vida no meio de tudo.

Estou vendo
o meio de tudo.

Eu nomeio
a vida em tudo.

POR MISERICÓRDIA

Por traição de si,
cantas teus versos.
Conta teus segredos
por eles e para livrar-te deles.
Que será após?
Teu próprio verso?
Nunca serás o outro
a contar de si
em utopia generosa de viver!
Que outro seria
se às tuas costas
é que ardem as verdades,
e é teu sangue que borda
o que trazes em páginas?

Trai-se, evola-se.
Só o poema te salva,
qual alimento de alma receosa,
do eco de uma outra voz desejosa.

Por misericórdia hão de descobrir-te
outros iguais a ti.
E clamas por isso
a cada vez que tremulas
as alvas bandeiras tuas
a que chamas de “teus livros”.

A música cuja letra não é tua
é a mesma que saúda
inocentes sem traição alguma.

E é isso que te salva
e transforma teus berros
em versos claros.
Não mais a chuva
que teus medos circundavam,
em ciranda macabra
de solidão e bruma.

O RAIO DAS HORAS

Gritos e latidos, relatos inscritos
na tarde sem sobressalto.
Abrem-se janelas, rogam a Deus
o receio dos homens em luta serena.

Em algum recanto, longe do aquário
esbravejam venenos, interesses novos
renascem, não tão novos;
por um largo espaço ainda é tarde.

As chaleiras e os bules exalam
o morno da boa vontade.
O sino também se dobra à vontade
da noite e das estrelas que não tardam
a espionagem da cidade.
Nos piscas-piscas dos seus olhos,
 flashes
que gravam mortes, assaltos
e deixam para a tarde os amores,
os sorrisos e os calores,
porque a praça está deserta.

Um e outro homem, uma mulher
passeiam seus cães.
Os namorados se escondem nos mo-
 téis.
Os bêbados perambulam.
Os mendigos não dormem nos ban-
 cos,
estão acordados pela noite

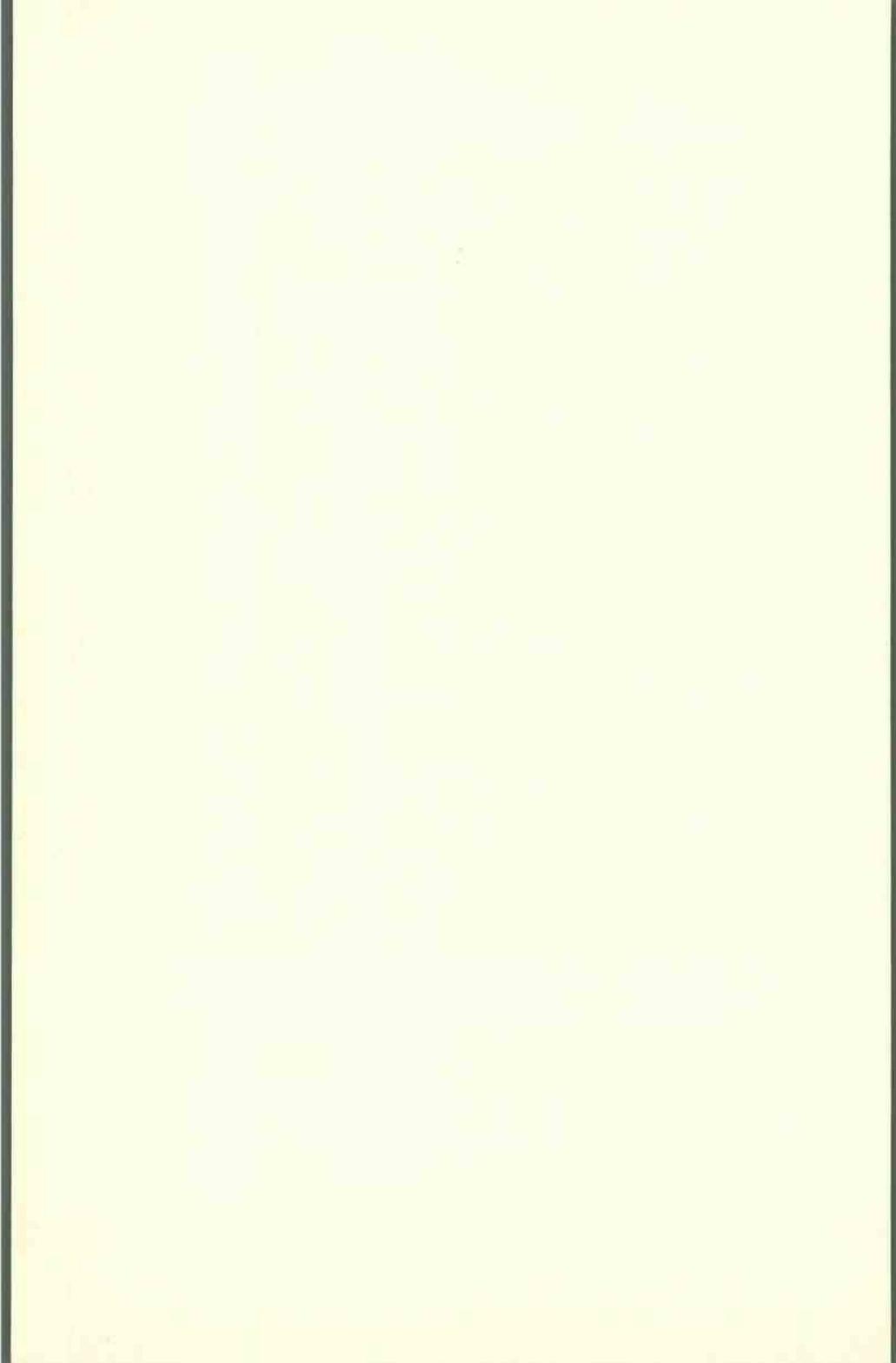
e escorrem por longo espaço,
até o sol espargir seus raios
tirando o sono dos pássaros.

CARTA

Meu caro amigo,
estou cansada de tentar
fazer o correto;
tudo me desalinha.
Sigo, decerto,
sem a menor noção
do que é certo;
vou bem.

Se eu for o que já fui
estarei mais tarde
apenas começando?

Segunda parte



DÍALOGO À BEIRA DE UM RIACHO

- O sossego anda sempre sossegado.
Por onde anda o sossego, meu compadre?
Há tempos que com ele não esbarro.
- Vi outro dia, do rio, no outro lado.
Trazia as mãos às costas, muito calado.
E vinha com ele um outro ser muito assustado.
Diria mesmo ser você o homem que ao lado
vinha agoniado,
e o sossego lhe tinha escutado,
senão por que estava tão calado?
- Então me viste ao lado do sossego e
sossegado não estava?
- Não aparentava.
- Ai que mal, que mal fazemos, se não usamos
tudo que temos!

ESTRELAS

Estrelas são conchas que escondem
mares.

Quando amanhece, as águas as reco-
lhem.

E nós as recolhemos quando peque-
nos.

Alguns mantêm o costume.

Os mesmos que gostam de olhar as
estrelas

e nem notam que faltam algumas –
aquelas que eles possuem
em suas caixas ou potes de maionese.

Estes, os colecionadores, são os
mesmos

que antes de dormir pensam nos
amores,

nos sabores, nas pessoas.

Estes, meus senhores, estão a nossa
procura.

INFÂNCIA COMPARTILHADA

A infância de meu pai foi também a
minha.

Ele contava as aventuras que minha
alma aninha.

Russo era o apelido da criança esguia
de camisa sempre aberta.

Short e sapatos da escola muito gastos,
subia cada esquina a procura da pipa,
cuja linha trazia envolta nos braços.

Lassa e vasta como são todas as
crianças.

Lassa e vasta como é a vida.

ECOS

Os sonhos de um palhaço
dormiram nos meus sonhos;
estava toda de circo no meio da lona.
Da platéia chamaram meu nome.

Sou o eco de alguém
ou haverá de mim o eco além?

A FEBRE

A febre me consome
e nem posso caminhar.
Os olhos secos deixam a luz seguir ao
centro
e aí não posso ver.
Depois da febre, o poema
dizendo o que vivi,
dizendo para mim e para você,
para nos curar da mesma febre
que assaltará de novo
em outra parte do meu corpo.

PAI, SOCORRA-ME

As corredeiras, os precipícios,
tudo estava longe.
O vácuo de um estado vivo,
o olho duro e a secura por fora.
Onde estou?
Que faço aqui?
Quem é essa gente?
Pai, socorra-me.

Deus fará planos para quando eu
acordar,
e eu não acordarei.

Só me resta desabafar a brasa tênue e ver
tornar a primeira chama.

QUÊ

Qual candura removeu seu sofrimento?
Que esperança devolveu
muito tenro o seu sorriso?
Que força a sustém?
Não, não me responda.
Deixe-me quieta, quase solitária.
Pretendo dar meus próprios passos,
para que não reste
dívida alguma nestes versos.

SÓ DÓI VIVER

Meu contentamento é do tamanho
do que já não é lamento.
As dores passadas, se não me garan-
tem boas risadas,
aos tumultos novos, cultivam porten-
tosas lágrimas.
Ainda que mais profundas se me
abram
as mesmas chagas, tornei-me mártir
talhada
a descobrir na vida larga estrada,
sem o peso da medida,
só os pés, solo e chuva como mora-
das.

CAMINHOS

Fazer poema a mando
ou fazer por amor o poema.
Fazer do poema amor
ou fazer amor do poema.
Fazer poema amando,
fazer-me amando um poema.

Escrevo e desenho
para pedir socorro,
mandar um sinal,
senão eu morro.

Alguém ouve o traço,
vê o grito e manda resposta.

Ou sou eu que leio, vejo, traço,
respondo e movo
o que não é novo.

SENHOR DOS PASSOS

Tive de encontrá-lo num lugar em que
mal podia pensar.

Os cabelos te faziam de costas o
Cristo mesmo.

E outra vez te vi numa igreja antiga, estavas lá,
com a cruz nos braços.

Era um homem torturado.

Como um deus pode ser homem?

Este é meu deus?

Sim, é meu deus, e é um homem.

Eu te vi também, coberto de chaga, numa tumba
mortuária,

mesmo de cera, eras tu que estavas lá,
o Cristo mesmo.

Abracei teu peito estreito.

Tão pequenino, o meu deus de novo.

A névoa que percorre o meu céu
não é só minha,
mas foi fabricada também por mim.
Disso não me permito duvidar,
e é só assim que consigo ver o facho de luz
que também é meu.

Onde está Deus,
alguém pode apontá-lo?

Então, como posso vê-lo
por todo lugar por onde passo?

Se tudo que fosse meu, dele fosse,
de que me adiantaria tomar-lhe o
coração?

Sendo ele que é fora de mim o sertão
mirabolante,
o mar amigo, espero confiante
enredá-lo nos meus fios.

Que ventura e desventura a minha
de ter um alvo que minha alma ani-
nha.

Que rosto é aquele que se desfaz em
névoa
e me responde –
“ide e vigiai, apascentai, crescei, multiplicai.
Levai o ouro,
trazei a prata
e toda pedra preciosa.
Porque isso me agrada.
Queimai incensos,
imolai cordeiros,
com sangue espargi vossas casas.
Chegará o tempo em que isso não mais será preci-
so,
que mandarei meu filho próprio”?

Que poema seria mais vivo que um assassino
morto?

O único poder autêntico do Ocidente é a vaidade.

A vida pode ser triste se estamos sós.
Pode ser alegre ao estarmos sós.
A vida é o que é após.

SOBRAS

para Alexandre in memoriam

Sua falta deixa-me umas sobras,
como derrotada, sigo sem escolha.
Contento-me na fé
nas horas do terrível,
quando lembro seu sorriso
e quão era vivo,
e o quanto é incompreensível não vê-lo mais.
Resignada espero o dia
em que também eu descanse em paz.

Carrego esta ausência que só a mim
não engloba.
O véu descansa ao lado da diadema;
o bouquet ressequido foi-se em despedida.
Despida, rezo louca e carcomida,
com o dentro do lado de fora.

Quero saber de Deus como sei da dor.

O choro que me inunda
minha fé circunda.

Pode a mão o verso revelar-te
o que antes não quisera
ver como arte?

ALMA

Sou a que lhe escreve,
no entanto, sou duas –
a que lhe escuta
vez e outra, dupla
em uma só voz.

Na maior parte do tempo a sós
com quem na terra anda como eu
trabalhando, amando, sofrendo, sorrindo, doando,
gritando mil luas e cores espalhando.
Nestes momentos, minha alma viaja
e conversa intimidades com Deus.

Quando os sofrimentos são tão intensos
que me sinto sozinha,
a alma vem de onde estiver
e me olha de cima,
conforta-me e me traz de volta
a minha duplicidade.

Não reconhecer o próximo é a ignorância.

Por que caminho trilhaste o nada
e por qual dimensão exata
fora teu esquecimento proveitoso?

As solicitudes estavam todas guardadas.
Os tormentos ela amontoava à direita,
no móvel quadrado.
Os desejos ela ligava por um fio
à tomada.

PEQUENAS MORTES

O cheiro que nem sempre é perfume
o sexo que não tem volta
a vulva que liberta e goza
o mercado fechado
a sua ânsia
e Deus ao lado.

Só encontramos Deus quando estamos juntos.

Nunca fui serena,
muito menos doce;
sempre me arderam os sentidos.
Preciso que saibam disso
vocês que lêem o que tenho escrito.
Talvez sejam doces e serenos
e possam me dar um pouco
da paz que persigo.

Éramos treze pessoas calmas
em torno da mesa pesada.
Desfazíamos a cada garfada
o dinheiro, o amor, o desejo e a dor.
Só o brinquedo, ao rés do chão,
chorava.

Em cima do alto morro da vergonha, tem sempre
alguém dizendo: mate o leão!

Verdade é ver a semelhança.

Ai de mim se cogito a inexistência de Deus... Toda
vez que não creio, creio ainda mais.

SOU ALI

Tudo silencia e gorjeia
como gorjeasse o nada.
No entanto, gorjeia tanto este silêncio,
que me tange e não me rompe,
que poeta me vi nascer para cantá-lo.
Sou o cerne deste silêncio.
Onde ele toca, aqui estou.

Quando olho para trás, eu vejo
as estrelas dos filmes mudos
cheias de sal e pó
e com os olhos lacrimejantes
pelo ópio e pela dor.
Quando olho para trás, eu me vejo num espelho
e mergulho nele apreciando me cortar...

Nossas mães nos enganaram,
os homens não são Barbies.

Falar se fala,
escutar se escuta,
comer se come, viver se vive.
E morrer?

Passei a mão no rosto e descobri-me pintada.
Passeio a mão no rosto e descubro-me da pintura.

O menino gira o mundo
e quem gira o menino?

O mar é um vento em que me perco e não lembro.

Que invisíveis encantos se amontoaram nos
campos?
E quem os colheu?

AULA DE PINTURA

Tento pintar a modelo
e pinto você.

Tento chegar às minhas raízes
e chego a você.

Tento libertar-me disso
que é e não é você.

HOMENS BONS

Eu gosto de homens alegres,
dos que trazem o sol na testa e guiam
multidões...

Homens com caráter e peito largo
para abrigar mulheres e crianças.
Homens que não se curvam ao desânimo...

Não precisam ser heróis da humanidade,
mas para três ou quatro ao seu redor...

A multidão que ele guia não é de corpos, é
de almas,
os mesmos anjos que o trazem ao colo
quando ele cai
por um golpe da maldade,
ou da saúde que fraqueja...
E, enquanto ele adormecido
sobre os ombros dos anjos é trazido,
estes passam a ser os que nos guiam
a nós, suas mulheres e seus filhos.

ESTAMOS AQUI

Onde estão os silêncios que eu deixei aqui faz
tempo;

onde está o gargalhar das crianças, que eu ouvi
dizer;

e o gato negro que assistia a tudo indiferente;

meu avô e seu terno largo, os óculos, o chapéu e
seu guarda-chuva

de funcionário público?

Aqui. Estamos todos aqui.

Fiz uma faxina na minha vida,
daquelas terríveis que você leva dias para
terminar.

No caso específico foram anos
e ainda não terminei,
mas minha alma está tão limpa e
espaçosa!

O estranho nisso tudo é que, uma vez
limpa a alma,
a sujeira perde o gosto de se instalar.
Eis da vida a diferença!
Por isso a matéria é tão mais fácil de
limpar:
a sujeira se deixa fácil tirar, porque
sabe que vai voltar.

QUEM QUER SABER

Quem quer saber
de que vamos morrer?
Quem quer saber
de que vamos viver?
Melhor o que for
aos poucos,
como chegam cartas
ansiando resposta...

BANCO DIANTEIRO

O carro do meu avô, que nunca teve carro,
era mais antigo que o tempo desta lembrança
e nem tanto que fizesse do carro uma geringonça.
Ainda existiam muitos daquele jeito,
o banco da frente, todo inteiro.
E eu ia com eles
meu avô de um lado, meu pai, do outro.
E deveria caber ainda minha prima
que era sempre a mais pequenina
cabia em qualquer cantinho
e sempre sorria.
E nós íamos por aquele caminho
quase vindo.

**QUE DOR NÃO FOI NECESSÁRIA QUANDO
PASSA?**

A solidão é uma espécie de silêncio na alma e dói.
E que dor não foi necessária quando passa?
A solidão, um silêncio que passa,
leva a gente no seu caminho,
deixando rastros no chão,
berros no ar
e passa, passa,
passa a solidão no silêncio inteiro
e vai e vai e vai
e leva a gente no meio.

CAPACHO

Ouvi, por baixo da minha porta, um sopro.
Olhei e pude notar,
além do vão entre mim e o resto, você,
meu capachinho!
Mas como pôde permitir aquele
sopro?
Era seu? Foi um suspiro? Foi solidão?

VIVENDO O QUE ESCREVO

Quando vim ao mundo,
ninguém disse nada.
Passei a viver do que escrevo
e de perceber o porquê
de tantas bocas fechadas.
E continuo, enquanto
dura a inocência
do cão lambendo a cria;
em direção ao sol o caule
mostrando o rosto à menina
que duvida.

MORRER

Morrer de vez em quando
nas pessoas que se vão.
Primeiro no avô, depois
no bicho, mais tarde
no marido, nos amigos,
sem os filhos
até não mais temer,
que já não mais vai você.

PARANDO PARA PENSAR

O mais incansável dos homens
um dia parou para pensar
e lembrou de sua vida
de antes de todo o esforço necessário...
Viu que era vão
e descansou em paz.

Quando encontramos alguém para acompanhar
nossos passos,
encontramos alguém para acompanhar nossos
passos...

SALVADORA REBELDIA

No meio do mundo, havia eu,
e me diziam para deixar de ser.
Então, virei um meio de mim.

CONCORDANDO COM DESCARTES

O encanto de ser eu é quase ilusório, não
fosse eu.

POR QUE FAÇO POEMAS

Não se faz poesia por aplauso,
não se faz poesia para o êxito,
não se faz poesia para o prêmio em dinheiro.
Ao menos eu
faço poesia para ouvir o silêncio
e sua voz cristalina lá no fundo
dizendo-me: faça poemas por mim.

**QUAL DOR NÃO FOI NECESSÁRIA
QUANDO PASSA?**

Qual dor não foi necessária quando passa?
Agora que foi, que passem
mil dores, como aquela que passa.
Eu, que as sinto, que fique
para dizer que só me foram necessárias
as dores que passaram.

HORAS QUE NÃO PASSAM

Que silêncio, que lua?
Divaga pensamento,
aterra coração, finca tuas raízes.
Coloca meu verso na mão,
quero cantar este estado:
e fez-se o dia, o desespero
mandou lembranças, a desconfiança
a soluçar na escadaria do edifício provisório.
Não se aflija por ela.
Olhe para mim, que clamo conforto
a espera do fim que tarda em chegar.
E parto criando cicatrizes mudas,
raízes fundas, vivas que me cortam
como dores mortas
que passaram por minha alma.
E o silêncio é só um modo
de lembrar que foram úteis.
Pois qual dor não foi necessária quando passa?
E as vejo passar de um trem
olhando os que ficam acenando
de máscaras nas mãos
e uma lágrima queimando o rosto.
Porque não caí na armadilha.
Era tudo brinquedo mortal
e verdadeiro.

Passo nas dores
na espera de que passem,
porque tudo é silêncio e passa
e as dores serão todas provisórias

quando passarem. E espero que passem
como eu passo.

AQUIETA...

Queria ser sua puta,
sentar no seu colo
sem cerimônia nenhuma,
senão a delas.

E beijar seu pescoço,
rindo à toa, ir pro quarto
contigo no fim da festa.

E ficar o dia inteiro
de pernas abertas
posando pra você,
minha arte quieta.

Tudo que conquistei foi em sonho,
e se acaso acordasse,
voltaria a dormir
mil vezes antes de dizer te amo.

O que me preocupa não é o precipício do amor,
é a volta.

Que sempre gostei dos saltos
mas me desabrigam os assaltos –
dos quais me guardo com armas carregadas,
molhos de chaves e meu terço.

E a maneira como arrasto as chinelas pela
casa

Diz-me que eu sou algo que desconheço,
que adivinho pelo som.

E vai e luta e tomba
de tanto morrer
crescer se cansa.

DESTINO

O pior não é o local onde nos puseram
É para lá voltar com nossos próprios pés.

JÓIAS DE FAMÍLIA

Minha avó às manhãs dizia:
vamos ver as modas?
E íamos quase em roda.
Lembro dela detida numa das barracas,
nós de olho na loja de balas,
não havia vitrine que não visitasse.
Frutas e verduras não lhe interessavam,
eram tecidos, perfumes e móveis.
Tudo que fosse durável
e se transformasse em casa.
Pouco ou quase nada comprava.
Era o caminho às Sendas
onde tudo terminava
e onde tudo principiava.
Mesmo com a bolsa entulhada,
parecia-me que carregava
imagens que não pesavam,
mais leve ainda a tornavam.
Conto minha riqueza
donde vi brotar deslumbramento,
caído em mim, sob gotas de silêncio,
apenas invólucros de jóias preciosas,
da infância um dos brinquedos.

O lugar nunca se sabe,
no entanto deve ser bem escolhido
e precisa ser digerido,
não de todo, claro,
mas aos poucos,
muito e com força,
até não mais poder dizer
chega.

Depois, limpe-se,
pegue seu casaco,
seu chapéu,
seu aquário,
mas deixe tudo no lugar.
Ao menos enquanto o poema
estiver na sua cabeça
ou na minha,
não importa,
são só algumas linhas.

Não é o tempo que é relativo,
é o verbo que é de ligação.

Tudo que é melhor se torna pior dez segundos
depois.

Basta que seja consumido,
digerido com pressa e avidez.

É assim que são tratadas as pessoas fast
food:

as mulheres de plástico e os homens de
metal.

Prezados poetas,
o sonho terminou,
o palhaço chorou em cena,
o músico saiu do palco,
as mulheres não mais amaram,
não mais os homens desejaram,
a festa acabou –
todos para seus lugares...

DO AMOR

Se o amor constrói?
O amor constrói e muito!
Resta lembrar disso
quando se fecha um túmulo
e é você quem fica no mundo.

Trocaram as últimas carícias
e perceberam o que eram.
Onde o hálito mágico?
Que ente maligno os teria desapossado?
Eram tão-somente um homem e uma mu-
lher nus.
Restava saber se conviria a eles darem-se as mãos.

Só sonhamos porque Descartes sonhou.

errata: o certo está errado

O que mais surpreende o louco é a surpresa do
povo.

SILÊNCIO

Tudo está em silêncio em mim,
que trago os ouvidos cheios de abelhas,
o rosto pétreo, os olhos ocupados.
Trago os cabelos
ensopados de vida,
as mãos finas e perdidas
num gesto de alcançar.
Trago este corpo no esforço de restar.

Minha vida são os livros e a palavra
QUADROS

MEDO DA VIDA

Dá medo perceber a vida
parece que finda
ao vê-la infinita.
Tento manter o código a dizer-lhe
que não a conheço
e nem a esqueço ainda.

DA FELIZ ESPERA

Ele disse que viria cedo;
eu me pus bonita, arrumei a casa,
ele não chegava.
Lembrei de outros por quem poderia ser melhor
amada,
borrei a pintura, comi a comida crua
e ele não chegava.
Depois de repisar em todos,
senti deles um gosto morto,
pensei que aquele que não chegava
era tal e qual melhor que vivo,
que não pensei mais nada
e ai, como eu fui feliz
enquanto por ele esperava!

UM NÃO-SEI-O-QUÊ

Minha escrita é um não-sei-o-quê
um não-sei-quê necessário
que aparece de repente,
feito um peixe
que pula do aquário.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO EM PAPEL PÓLEN
90GR NO MIOLO E SUPREMO 250GR NA CAPA.
PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO FEITAS PELA PRIMYL
ARTES GRÁFICAS PARA A PRIMYL EDITORA , PARA
ELAINE PAUVOLID EM ABRIL 2008.

Elaine Pauvolid estreou como poeta em 1998, com o livro *Brindei com mão serenata o sonho que tive durante minha noite-estrela...* pelo selo Imprimatur-7 Letras. Em 2003, juntamente com mais quatro poetas, participou da coletânea *Rios* (Ibis Libris), a qual considera um livro solo de “autoria partilhada”, pois cada poeta dispôs de vinte oito páginas.

Em 2006, recebeu na Argentina o prêmio Biguá, como poeta revelação no II Encontro de poetas latino-americanos, sediado em Córdoba, Vila Maria, organizado pela SADE, Sociedade Argentina de Escritores, do qual participou na condição de convidada especial, única representante do Brasil.

Além de poeta, Elaine Pauvolid é bacharel em Psicologia, funcionária pública e resenhista freelance, tendo resenhas publicadas em jornais como O Globo, Jornal do Brasil e Jornal do Commercio.

Em Leão lírico, Elaine Pauvolid se revela na vertigem da plenitude: lúcida e lúdica, ardendo na febre da perplexidade, no espanto da trajetória que vai da insatisfação com o cotidiano à ânsia do metafísico. Imersa na pulsação da sua inquietude, exercita a sensibilidade com a consciência em vigília, em percepções clarividentes e, não obstante, perdida na vastidão do seu enlevo.

Estas evidências, que ressaltam na expressão vital dos seus poemas, retratam-lhe apaixonada e descrente, desiludida e arrebatada. O paradoxo da sua generosa dor de viver derrama-se nas confissões de uma busca obsessiva de compreender o mistério. A esperança, a fé, o asco, o desalento e a saudade são sentimentos de que se nutre a sua poesia. Poesia impetuosa e objetiva, estigmatizada de angústia existencial.

Márcio Catunda

ISBN 978-85-908034-0-9



9 788590 803409